

EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS

Natural de Porto Alegre, Antonietta Barone nasceu em uma família de estrangeiros: o pai, João Guido Barone, é de origem italiana, e a mãe, Ana Macek Barone, é de origem austríaca. Ambos morreram quando ainda era jovem, mas sua formação foi feliz, segundo afirmava, “por ter tido uma mãe sábia, que ensinou as coisas dignas da vida e princípios de honestidade, de respeito e de trabalho”. Dois de seus irmãos, Carlos e Dante Barone, assim como a homenageada, atuaram em setores da educação e das artes.

Os mais de cinquenta anos de atividades ligadas ao ensino fizeram da professora Antonietta Barone um dos ícones da educação e da cultura no Rio Grande do Sul. Com sua capacidade e liderança reconhecidas no Brasil e no exterior, descobriu, com apenas 15 anos, que, mais do que vocação, a sua paixão era o magistério. A partir dessa descoberta, ainda na década de 1930, quando, sozinha, foi para o município de Santa Rosa lecionar em uma escola estadual, passou a dedicar-se “integralmente e por inteira” à educação. Para esse trabalho, interrompeu o curso Normal do Instituto de Educação, em Porto Alegre. “Se não gostar do magistério, ninguém me fará ficar”, avisou. Dizia ela: “fidelidade a mim mesma é uma marca que me acompanhou toda a vida”. E destacava: “nunca trabalhei com desgosto, sempre com alegria”. Em plena II Guerra Mundial, concluiu o curso na Escola Normal Santíssima Trindade, em Cruz Alta. Indicada com outras nove professoras, Antonietta Barone fez o curso de pós-graduação na Escola de Aperfeiçoamento Pedagógico, em Belo Horizonte, Minas Gerais. Ao retornar ao Rio Grande do Sul, foi nomeada para o Instituto de Educação, sendo uma das fundadoras dos cursos de Supervisores e Administradores de Educação.

Atuou em sala de aula por muitos anos, também tendo trabalhado na Secretaria de Educação – SEC –, como técnica em educação do Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais – CPOE. Nessa função, inspecionou todas as escolas do Estado do Rio Grande do Sul e criou bibliotecas. Considerada por alguns funcionários como sendo rigorosa, Antonietta Barone dizia nunca ter exigido aquilo que não fosse seu dever cumprir.

Devido ao trabalho que desenvolveu, seu nome também ficou fortemente ligado às áreas das artes e da cultura. Durante doze anos, a professora dirigiu a Divisão de Educação Artística e o Departamento de Assuntos Culturais da SEC, cargo em que realizou sete encontros estaduais de professores de Educação Artística e o primeiro deles em nível nacional, reunindo mais de oitocentos professores de todo o Brasil. Antonietta Barone orgulhava-se do feito de ter trazido o Ballet Bolshoi a Porto Alegre em 1974, espetáculo assistido por mais de cinquenta mil pessoas.

Atuou, ainda, em muitas missões pelo Ministério da Educação e da Cultura – MEC. Seu currículo lista ampla formação artística e cultural. Viajou e fez conferências em todo o Brasil, além de ter feito cursos e estágios em países de três continentes. Nos Estados Unidos, ela realizou estudo de observação em oito universidades.

Antonietta Barone foi fundadora e presidente do Conselho Estadual de Cultura. Entre os títulos honoríficos recebidos, estão o de Educadora Emérita do Governo do Estado, em 1994, o da Ordem das Artes e das Letras, pelo governo da França, em 1975, e o da Ordem do

Mérito Cultural da Polônia, também em 1975. Possuía grande cultura, boa formação musical e domínio de vários idiomas, como francês, espanhol, italiano e inglês. Entre as inúmeras entidades culturais e educacionais que ajudou a criar, está a Aliança Francesa de Porto Alegre, da qual foi presidente de honra.

Mesmo depois da aposentadoria, alcançada após meio século de trabalho na área educacional, a professora continuou em atividade enquanto sua saúde o permitiu. Fazia questão de citar, com orgulho, que seu trabalho voluntário havia começado “há mais de cinquenta anos”. E explicava que, por todo esse tempo, sempre fora “humilde no sentido de despojada, mas nunca subserviente”.

Já longe da sala de aula, a professora continuava acompanhando o sistema de educação. Ela acreditava que o Ensino Fundamental estava muito defasado. “Não se ensina o civismo na escola, nem mesmo a beleza do Hino Nacional, um dos símbolos da Pátria”, destacava. Antes de tudo, ressaltava a educadora, o professor primário deveria possuir uma bagagem cultural. Os que têm acesso às informações dificilmente buscam o magistério como profissão, contribuindo para que o ensino perca em qualidade. “O professor deveria ser valorizado não só na remuneração, mas também na condição de educador”, observava. Antonietta Barone defendia o uso do uniforme pelos alunos, “pois torna iguais todas as crianças e desenvolve a disciplina”. Considerava que a missão do professor é servir e tornar melhores aquelas pessoas a quem ele transmite a mensagem. “Os jovens são rebeldes aos conselhos, mas sensíveis aos exemplos”, complementava a educadora.

Por sua contribuição à educação e à cultura do Rio Grande do Sul, entendemos meritória a indicação de seu nome para identificar um logradouro público de nossa Cidade.

Sala das Sessões, 7 de dezembro de 2011.

VEREADOR JOÃO CARLOS NEDEL

PROJETO DE LEI

Denomina Rua Antonietta Barone o logradouro público cadastrado conhecido como Rua Dois Mil, Novecentos e Noventa e Três, localizado no Bairro Mário Quintana.

Art. 1º Fica denominado Rua Antonietta Barone o logradouro público cadastrado conhecido como Rua Dois Mil, Novecentos e Noventa e Três, localizado no Bairro Mário Quintana, nos termos da Lei Complementar nº 320, de 2 de maio de 1994, e alterações posteriores.

Parágrafo único. As placas denominativas conterão, abaixo do nome do logradouro, os seguintes dizeres: Educadora emérita.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.